

Camaleónica



Camaleónica

—

André Sousa

Diana Carvalho

Mafalda Santos

Mariana Caló

& Francisco Queimadela

Nuno Ramalho

Pedro Wirz

Ricardo Basbaum

Schirin Kretschmann

Sónia Neves

—

Círculo Sede

3 mar - 1 abr

2017







Selva camaleónica

Henri Rousseau, conhecido pelas suas pinturas de selvas e outras paisagens exóticas, nunca saiu de França em toda a sua vida. Pintou a partir de imagens que circulavam, do que via nos jardins botânicos ou zoológicos e das histórias que ouvia sobre lugares distantes e secretos. Pintou também imaginando a selva ali mesmo, nos subúrbios de Paris. Excessivas e irreais, as selvas tropicais de Rousseau, habitadas por animais mais ou menos ferozes, foram assim o resultado de uma imaginação setentrional e oitocentista.

Por qualquer razão que não sei explicar, antes mesmo do título desta exposição, vieram-me à cabeça algumas imagens. Todas elas, de um modo ou de outro, estavam também ligadas à selva ou, pelo menos, a uma certa encenação ou ideia do que pudesse ser a selva. Lembrei-me então dos velhos livros de estampas que folheava em miúdo, até antes de saber ler, e que me levavam para outros lugares. Lembrei-me das selvas do W. Burroughs, caóticas e virais, onde viviam espécies perdidas e criaturas híbridas. Lembrei-me dos mundos esquecidos onde habitavam seres estranhos e nos quais se adivinhava ainda a desmesura dos corpos e a indistinção entre o reino animal e o vegetal. Lembrei-me sobretudo da infinita capacidade de transformação que as coisas do mundo revelam a todo o momento, ultrapassando o simples jogo das aparências para nos oferecerem outra coisa, mais profunda e insondável. Só então surgiu a camaleónica e, depois, os desenhos que abrem este catálogo.

Camaleónica é a condição do camaleão ou daquilo que se comporta como tal. O camaleão é um réptil de olhos salientes e longa língua. Muitas espécies de camaleões têm a capacidade de mudar de cor, reagindo a ameaças externas através das suas próprias alterações de humor, do medo à irritação, tornando-os mestres da camuflagem e da invisibilidade. A condição camaleónica é, pois, a da mudança, da transformação, quase como se o mundo se viesse alojar na própria pele, quase como se o mundo habitasse o nosso corpo. Nesse processo de transformação, há uma exterioridade que se define a partir de dentro e que é acima de tudo uma experiência da multiplicidade. Um que é muitos, muitos que são apenas um. Mas não nos enganemos. Não se trata de replicar ou de projectar o mundo em nós ou no corpo mas antes de nos tornarmos mundo, numa espécie de mutação imperceptível que é também um devir-outro, uma experiência de alteridade.

Sem uma hipersensibilidade às coisas do mundo essa experiência da alteridade não parece possível. Quando falo de hipersensibilidade, refiro-me precisamente à capacidade mediúnica que permite que as coisas nos atravessem, que permite que sejamos um lugar de trânsito. No limite, essa hipersensibilidade pode ser descrita como uma experiência telepática, um tremor que nos atravessa o corpo e nos faz compreender aquilo que nos toca. Veja-se essa qualidade especial dos corpos que tudo sentem mas que, por vezes, não podem ser tocados, justamente porque sentem demasiado. Tais corpos, na sua hipersensibilidade, desejam o mundo mas ao mesmo tempo receiam-no. São tão sensíveis que só sentem o mundo tornando-se mundo e, em alguns momentos, essa experiência é tão intensa que se torna insuportável.

Ora, para ser verdadeiramente consumado, esse movimento contraditório, que aproxima tanto quanto repele aquilo que nos é estranho, exige de nós um intenso processo de transformação camaleónica que implica uma resistência a toda a cristalização, seja da identidade, das relações, dos lugares ou das memórias. Só assim nos aproximaremos do(s) outro(s) e do que nos é estranho.

Esse movimento tem talvez um nome: devir-imperceptível.

E o que pode ser esse desejo de imperceptibilidade, esse movimento em direcção ao mundo?

Em primeiro lugar, devemos recordar que por natureza o próprio movimento é imperceptível, isto é, todo o movimento implica uma certa indefinição perceptiva. O movimento é aquilo que só percebemos na relação entre dois tempos, o antes e o depois. Há movimento quando percebemos essa deslocação. No entanto, o movimento foi aquilo que justamente não percebemos. Sabemos que houve um trânsito mas não temos como explicá-lo, não temos como suspender o movimento no momento em que este se faz. Por isso, o movimento é mágico e encantatório.

Deleuze e Guattari falam-nos da relação entre o imperceptível, o indiscernível e o impessoal; dizem-nos que essas são condições que implicam a transparência. Eu diria que são condições que se ligam à invisibilidade e a uma função deceptiva: não ser aquilo que se espera mas sim aquilo que se deseja.

Devir-imperceptível será assim a consumação de um desejo de transformação, de se confundir com o mundo, de se tornar mundo, todo o mundo. Dito de outro modo, esse desejo de imperceptibilidade é um desejo de intensidade perceptiva. De tanto se querer sentir o mundo

tornamo-nos mundo e fazemos mundo. Esse é um desejo que não implica reproduzir o mundo mas sim fazê-lo, numa fórmula cósmica que se pode aproximar da feitiçaria.

As imagens que me assaltaram o espírito antes mesmo de surgir esta exposição, as imagens da selva, têm esse carácter mágico e feitiçeiro que se pode associar à transformação camaleónica. Se há então alguma coisa que possa definir semelhante transformação é justamente a mesma intensidade perceptiva e mágica que encontramos no desejo de imperceptibilidade, e esse é, como vimos, um desejo de intensidade na relação com as coisas do mundo.

Sejam bem-vindos à selva camaleónica.

Miguel Leal

—
André Sousa



karma-leão, 2017.
Esmalte acrílico s/ tecidos, napa e plásticos, outros objetos. Dimensões variáveis.
Vista da exposição.

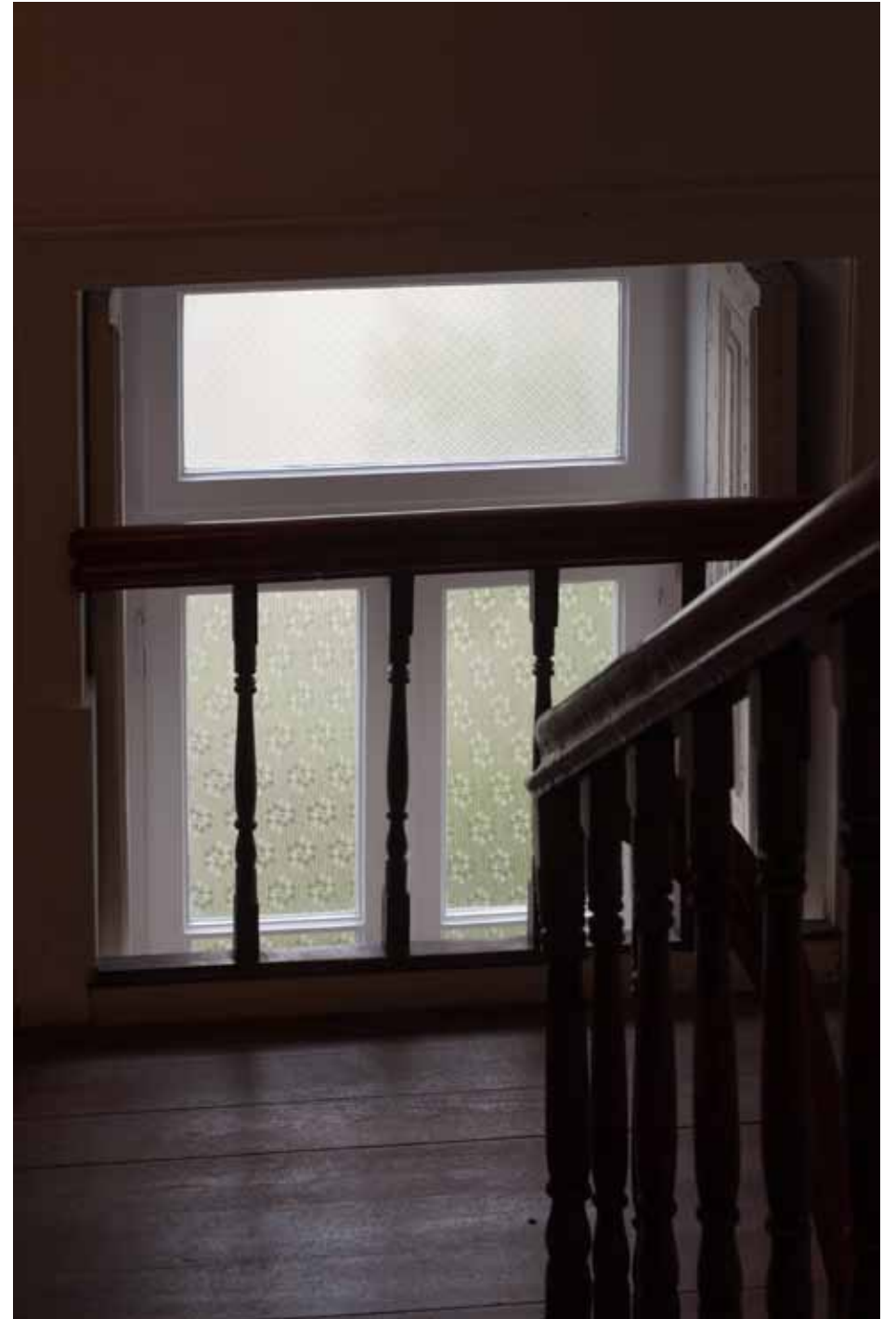


karma-leão, 2017.
Esmalte acrílico s/ tecidos, napa e plásticos, outros objetos. Dimensões variáveis.
Vista da exposição.



karma-leão, 2017.
Esmalte acrílico s/ tecidos, napa e plásticos, outros objetos. Dimensões variáveis.
Vista da exposição.

Diana Carvalho





Tapar um olho (2), 2017.
Papel adesivo sem cola sobre vidro. 170 × 80 cm (× 2).
Vista da Exposição.

Mafalda Santos



Obra completa #1, 2017.
Grade de madeira e papel. 80 × 105 cm.



Obra completa #2, 2017.
Grade de madeira e papel. 80 × 60 cm.



Obra completa #1, 2017.
Grade de madeira e papel. 80 × 105 cm.
Pormenor.

Mariana Caló & Francisco Queimadela

Pequena Morte

Entre o magma
e a pressão da gravidade
em grande velocidade,
concebemos o tempo morto.

E no mais pequeno instante
o que fora de um chumbo regular
certo, concreto e real
já era um volume informe
tão vermelho quanto quente.



Pequena morte, 2011.
Dupla projeção de slides sobre tijolo.
Vistas da Exposição.



Figura-monólito, 2016.
Duas pinturas em acrílico sobre tela. 40 × 50 cm.



Seres selvagens de vários sexos, 2017.
HD vídeo, 3'25"
Still do vídeo.



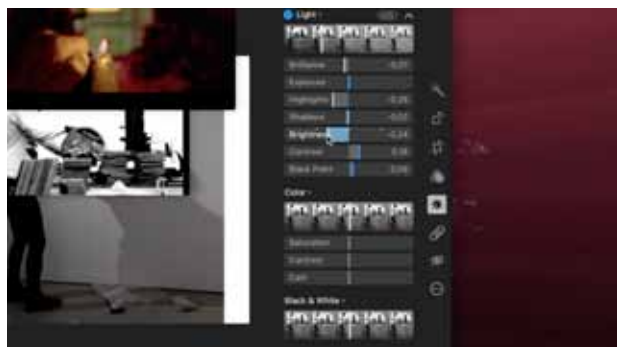


Corpo permeável às escuras, 2017.
Pintura em acrílico sobre tela. 80 × 120 cm.



Entre o abismo e a montanha, 2010.
Tela flanelada moldada em “U”, suspensa por dois estandartes.
Vista da Exposição.

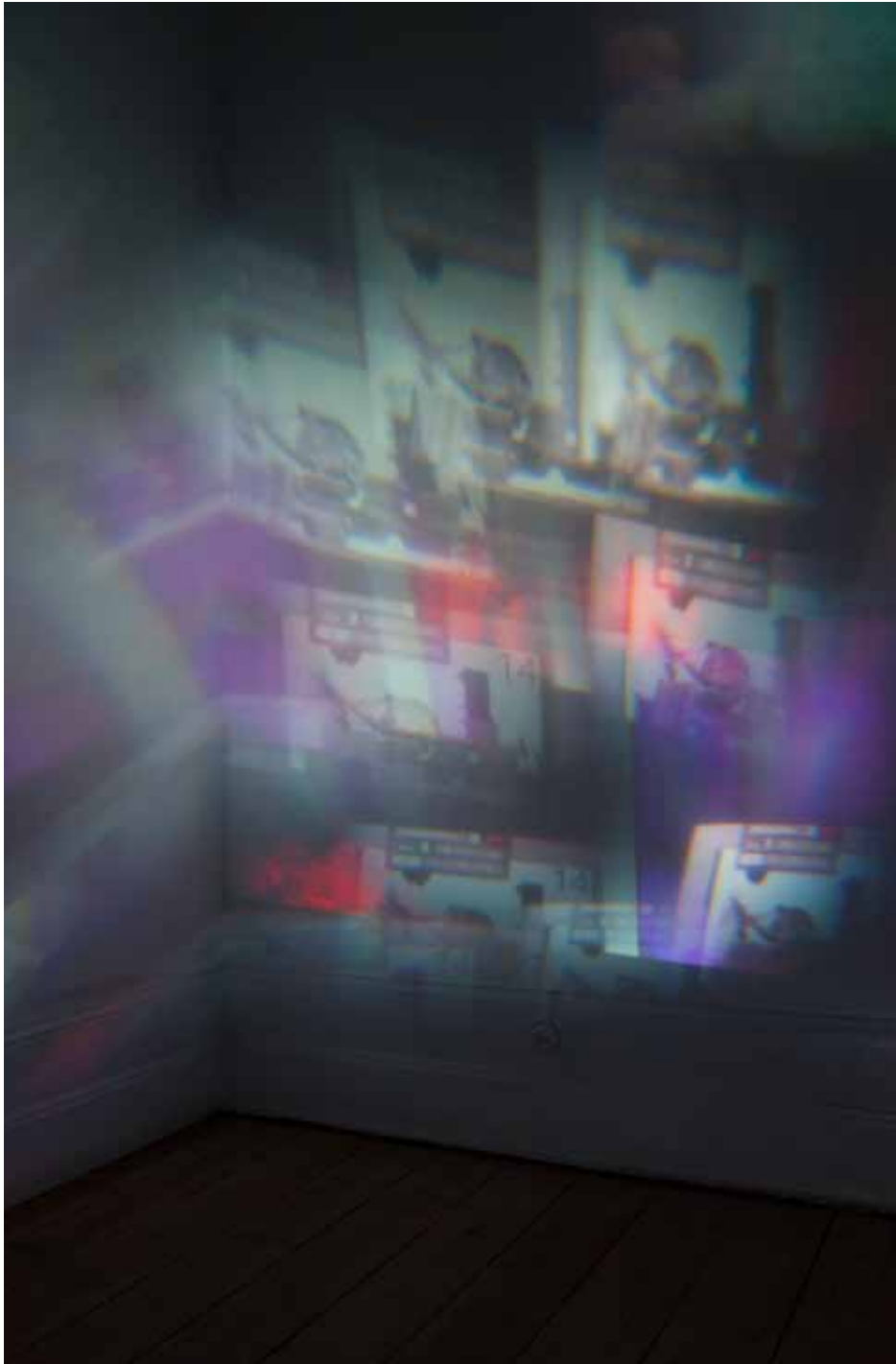
Nuno Ramalho



Não tanto por oposição mas por dissonância, 2017.
 Dupla projeção vídeo (cor; som; 14'23" e 12'56")/vidro. Dimensões variáveis.
 Stills do vídeo.



Não tanto por oposição mas por dissonância, 2017.
Dupla projeção vídeo (cor; som; 14'23" e 12'56")/vidro. Dimensões variáveis.
Vista da Exposição.



Não tanto por oposição mas por dissonância, 2017.
Dupla projeção vídeo (cor; som; 14'23" e 12'56")/vidro. Dimensões variáveis.
Vista da Exposição.

Pedro Wirz



Ovo por Olho / An Egg for an Eye, 2017.
Técnica mista. Dimensões variáveis.
Vista da Exposição.



Ovo por Olho / An Egg for an Eye, 2017.
Técnica mista. Dimensões variáveis.
Vista da Exposição.



Ricardo Basbaum

Ovo por Olho / An Egg for an Eye, 2017.
Técnica mista. Dimensões variáveis.
Vista da Exposição.

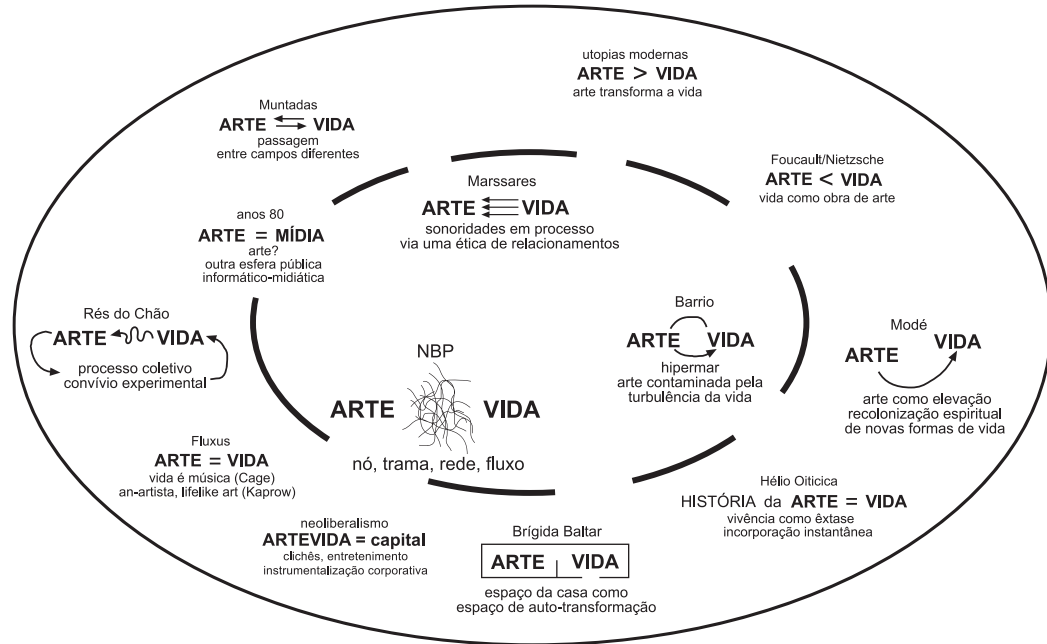


diagrama (série arte-vida), 2003-2017.
Vinil adesivo. Dimensões variáveis.
Coleção do artista.

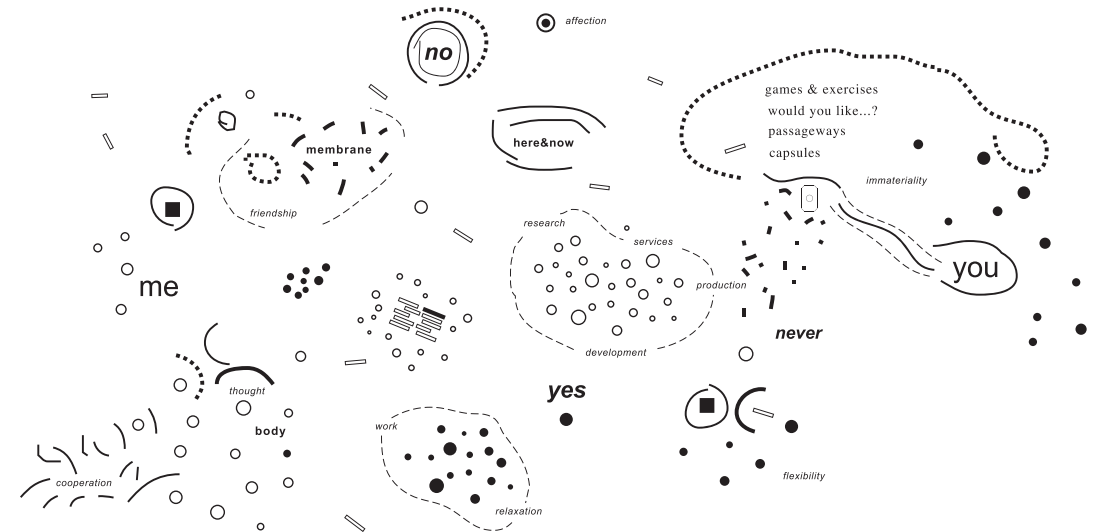


diagram [la société du spectacle (et NBP)], 2007.
Vinil adesivo sobre fundo monocromático. Dimensões variáveis.
Coleção Arco.



diagram [la société du spectacle (© NBP)], 2007.
 Vinil adesivo sobre fundo monocromático. Dimensões variáveis.
 Coleção Arco. Vista da Exposição.

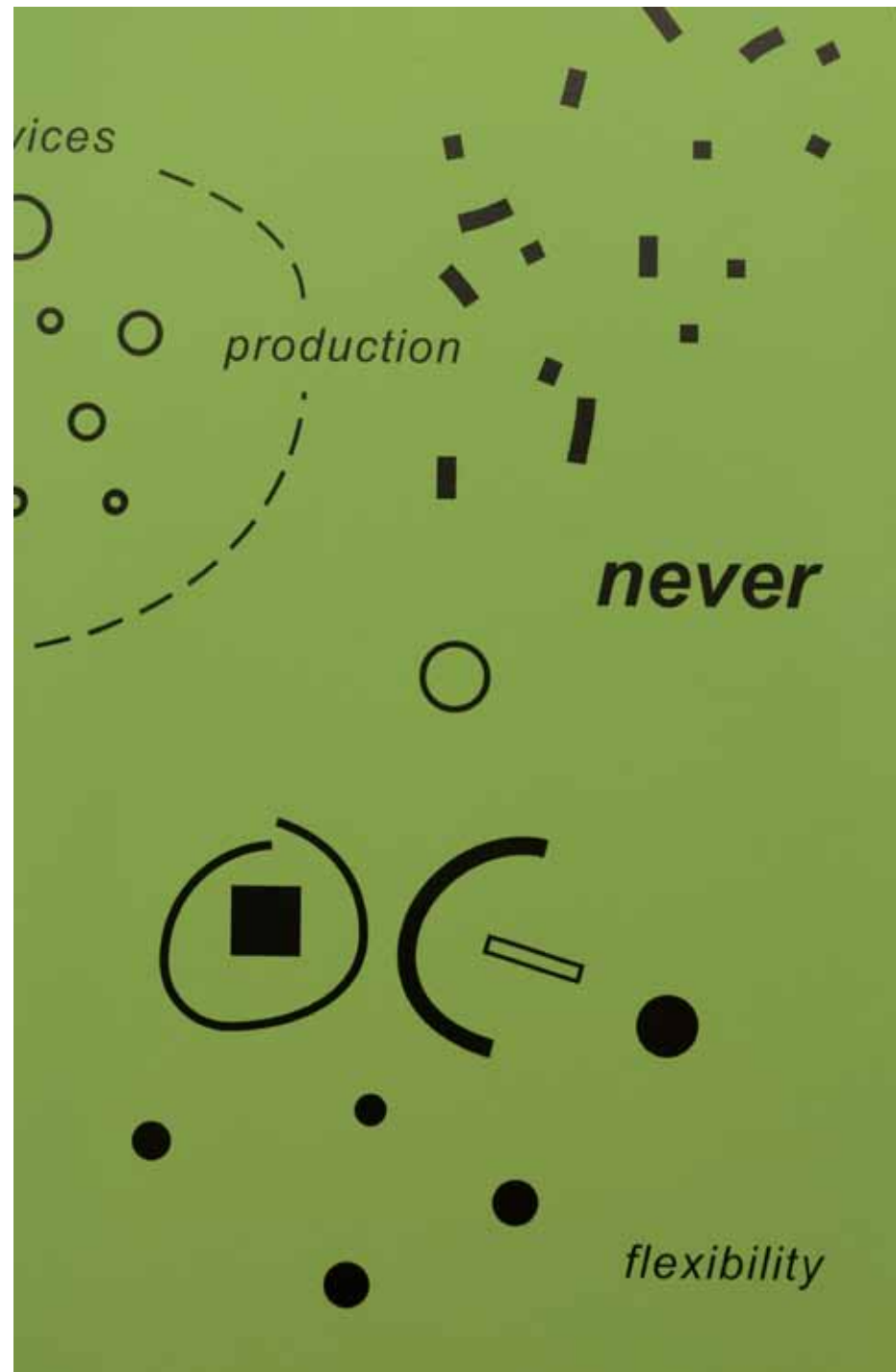
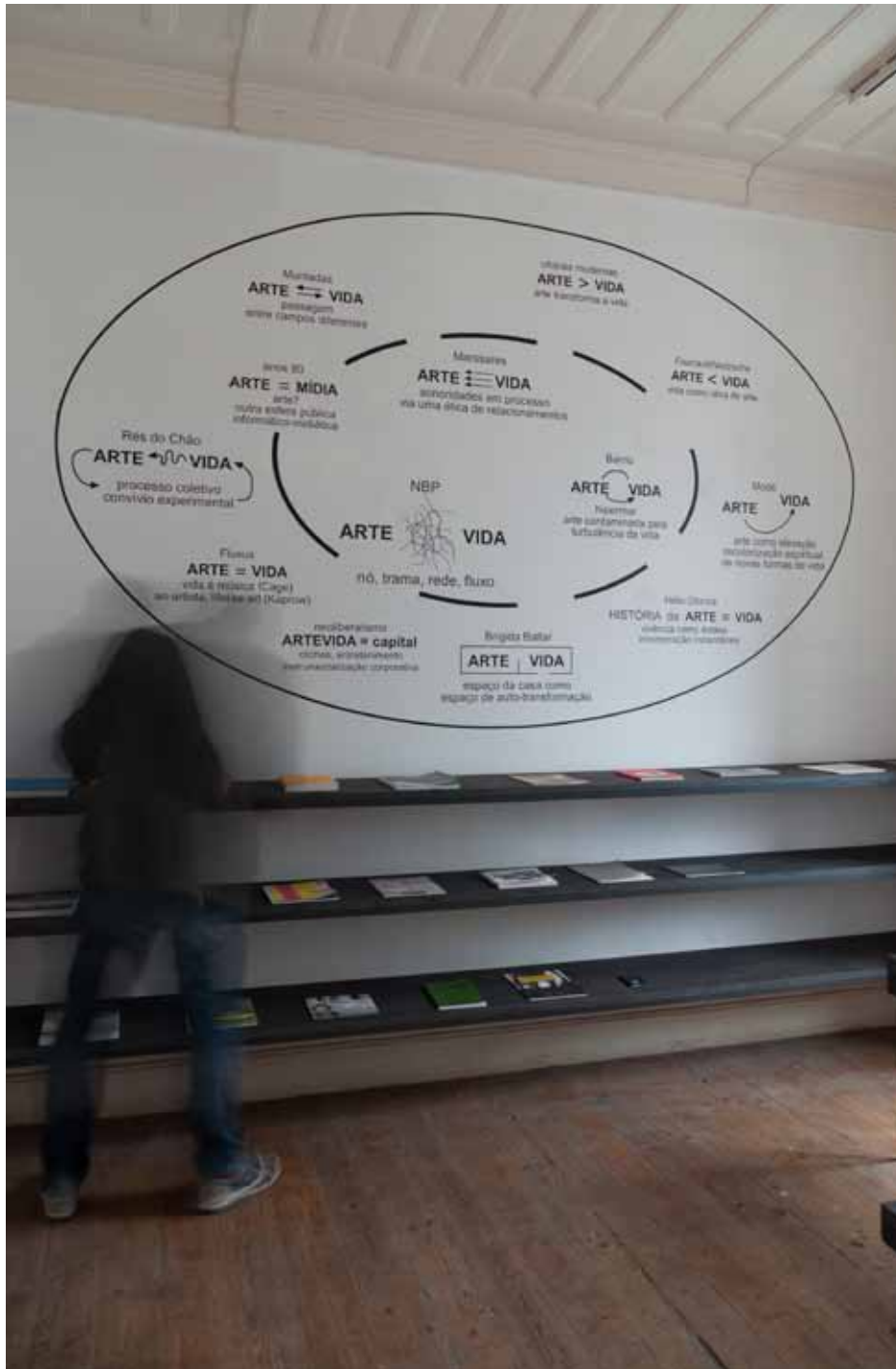


diagram [la société du spectacle (© NBP)], 2007.
 Vinil adesivo sobre fundo monocromático. Dimensões variáveis.
 Coleção Arco. Pormenor.



Schirin Kretschmann

diagrama (série arte-vida), 2003-2017.
Vinil adesivo. Dimensões variáveis.
Coleção do artista. Vista da Exposição.



Colectivo, 2004.
Vídeo. © 2017 Schirin Kretschmann e VG Bild-Kunst Bonn.
Vista da exposição.



Coimbra Suites #01-#06, 2017.
Interventions, Mixed Media. © 2017 Schirin Kretschmann
e VG Bild-Kunst Bonn. Vista da exposição.



Coimbra Suites #01-#06, 2017.
Interventions, Mixed Media. © 2017 Schirin Kretschmann
e VG Bild-Kunst Bonn. Vista da exposição.

Coimbra Suites #01-#06, 2017.
Interventions, Mixed Media. © 2017 Schirin Kretschmann
e VG Bild-Kunst Bonn. Vista da exposição.



Coimbra Suites #01-#06, 2017.
Interventions, Mixed Media. © 2017 Schirin Kretschmann
e VG Bild-Kunst Bonn. Vista da exposição.

Coimbra Suites #01-#06, 2017.
Interventions, Mixed Media. © 2017 Schirin Kretschmann
e VG Bild-Kunst Bonn. Vista da exposição.



Coimbra Suites #01-#06, 2017.
Interventions, Mixed Media. © 2017 Schirin Kretschmann
e VG Bild-Kunst Bonn. Vista da exposição.

Sónia Neves



Carla Filipe, 2009.
Impressão a jato de tinta.
114 × 75,5 cm. Edição de 3.



Cristina Mateus, 2014.
Impressão a jato de tinta.
114 × 75,5 cm. Edição de 3.



Isabel Carvalho, 2015.
Impressão a jato de tinta.
114 × 75,5 cm. Edição de 3.



Vera Mota, 2017.
Impressão a jato de tinta.
114 × 75,5 cm. Edição de 3.



Cristina Regadas, 2017.
Impressão a jato de tinta.
114 × 75,5 cm. Edição de 3.





André Sousa nasceu no Porto em 1980. Vive e trabalha entre o Porto e Frankfurt. Estudou Artes Plásticas na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (1998/2003) e, desde então, tem apresentado regularmente o seu trabalho.

Destacam-se as exposições individuais *Cópias da Noite*, Panorama Boa Vista, Porto (2016); *Milenário*, Laboratório das Artes, Guimarães (2015); *Millóns de Finais de Ano*, Galeria Bacelos, Vigo (2014); *Bonecos de Barro*, Galeria Bacelos, Madrid (2013); *A cantiga é de farra, tange o pandeiro, assobia-se no refrão*, Galeria Quadrado Azul, Lisboa (2013); *Satekpunkts/ Vanishing Point/Ponto de Fuga*, curadoria de Margarida Mendes, Kim? Contemporary Art Centre, Riga (2012); *Canas ao vento, folhas que rolam, flores esmagadas, areias que se dispersam...* Curadoria de Nathalie Ahbeck / FMAM, Porto (2012). E ainda algumas exposições coletivas: *Can't Do Nothing*, Billytown, The Hague (2016); Bienal de Fotografia, Flor do Tejo, Vila Franca de Xira (2016); *FOMO*, curadoria de Marketa Stara Condeixa, Syntax, Lisboa (2015); *12 Contemporâneos: Estados Presentes*, curadoria de Suzanne Cotter e Bruno Marchand, Museu de Serralves, Porto (2014); *Scultura-fantasma*, organização de Gonçalo Sena, Galeria Baginski, Lisboa (2012).

Está representado na Coleção de Serralves (Porto), na Coleção António Cachola (Elvas) e no Centro Galego de Arte Contemporânea (Santiago de Compostela).

Foi corresponsável por espaços geridos por artistas como o PêSSEGOpráSEMANA (2002/07); Mad Woman in the Attic (2005/09) e Uma Certa Falta de Coerência (desde 2008, com Mauro Cerqueira). Em 2007, foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian na Spike Island (Bristol, UK) e, em 2009, na Kunstlerhaus Bethanien (Berlin, De), onde no mesmo ano publicou *Fabel/Fábula/Fable* com Tobias Hering. Em 2016, esteve em residência na Casa do Povo (São Paulo, Brasil), onde, com João Sousa Cardoso, correalizou o filme *Na Selva das Cidades*.

Diana Carvalho (Lisboa, 1986) é licenciada em Pintura (2005-2009) e mestre em Práticas Artísticas Contemporâneas (2010-2012), pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Em 2008, durante o período de licenciatura, foi aluna na Hochschule für Bildende Künste Dresden, na Alemanha, através do programa Erasmus. Em 2011, durante o período de mestrado, frequentou um semestre como aluna de intercâmbio na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, no Brasil, ao abrigo da bolsa Santander.

Realizou as seguintes exposições individuais: em 2016, *Flor de Sal*, Sismógrafo, Porto; em 2015, *Ruh!*, Rua do Sol 172, Porto, *Pertences*, Mupi Gallery, Maus Hábitos, Porto; em 2013, *Colónia de Férias*, Boutique –

Raum für temporäre Kunst (integrada na programação de The ocean and the river – Karat), Colónia, Alemanha.

Das exposições coletivas em que participou, destacam-se: em 2016, *Não me contem o fim*, Casa Bernardo, Caldas da Rainha, *Tarmacadame*, Porto, *A meio de qualquer coisa*, Galeria Graça Brandão, Lisboa; em 2015, *Geração Y*, Paços do Concelho, Porto, *Ontem como Hoje*, Bienal da Maia; em 2014, *Sem Quartel*, Sismógrafo, Porto, *A riqueza múltipla e multiplicadora da ambiguidade*, Espaço Mira, Porto; em 2013, *Grandes Férias*, Rua do Sol 172, Porto, *Copi Copi*, Galeria 111, Porto, *BES Revelação 2012*, BES Arte e Finança, Lisboa; em 2012, *BES Revelação*, Museu de Serralves, Porto, *Qualquer coisa*, Museu da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

<http://cargocollective.com/dianacarvalho/news>

Mafalda Santos é licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes do Porto. Entre 2002 e 2007, foi programadora do espaço independente PÊSSEGOpráSEMANA, no Porto. Fundadora, em 2010, do projeto *Pessoa Colectiva* com Susana Gaudêncio. Em 2007/2008 foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento na residência artística Location One, em Nova Iorque. Foi selecionada para o Prémio EDP Novos Artistas 2007.

Atualmente, gere, juntamente com Manuel Mesquita, o programa de residências artísticas Moinho da Fonte Santa no Alentejo, no Alandroal.

O seu trabalho encontra-se incluído nas coleções portuguesas de António Cachola, Fundação EDP, Fundação Ilídio Pinho, Grupo RAR e Fundação PLMJ.

Mariana Caló (Viana do Castelo, 1984) e **Francisco Queimadela** (Coimbra, 1985) licenciaram-se em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e colaboram enquanto dupla desde 2010. Vivem e trabalham no Porto. A sua prática é desenvolvida através de um uso privilegiado da imagem em movimento — inter-setando ambientes instalativos e *site-specific* —, mas também do desenho, da pintura, da fotografia e da escultura.

Em 2012, foram bolsistas da Fundação Calouste Gulbenkian para uma residência internacional de artistas na Gasworks, Londres. Foram distinguidos com o prémio BES Revelação em 2012, finalistas da 10.ª edição do prémio EDP Novos Artistas e vencedores do prémio internacional Schermo dell'arte Film Festival 2013.

Apresentaram o seu trabalho em diversas exposições, individuais e coletivas, e em festivais de cinema, dos quais destacam: em 2016, *Habitantes de habitantes*, Kunsthalle Lissabon, Lisboa, *O Livro da Sede*,

Galeria Contemporânea, Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto, *Le Geste, la machine et le Smartphone*, Jeu de Paume, Paris, *Art of the Real*, Lincoln Performing Art Center, Nova Iorque; em 2015, *Os Inquéritos [à Fotografia e ao Território] · Paisagem e povoamento*, CIAJG, Guimarães, FID Marseille, Marselha, *The importance of being a (Moving) Image*, Galeria Nacional de Praga, Praga; em 2014, Lo Schermo dell'Arte Film Festival, Florencia, *A Composição do Ar*, CIAJG, Guimarães, *Gradações de Tempo sobre um Plano*, Carpe Diem - Arte & Pesquisa, Lisboa; em 2013, *Entrevista Perpétua*, Edifício Axa, Porto, *Chart for the Coming Times*, Villa Romana, Florença, *O' Artoteca*, Milão; em 2012, *Chart for the Coming Times*, Rowing Projects, Londres, *Gasworks*, Londres; em 2011, *General Public*, Berlim, *The Springs of the Flood*, Altes Finanzamt, Berlim; em 2010, *Espaço Campanhã*, Porto.

Projetos selecionados: *Habitantes de Habitantes* (2016) (16mm, pintura, cutouts, instalação); *O Livro da Sede* (2016) (16mm 5xloop, caixa de luz, instalação); *Efeito Orla* (2013) (HDV, 15', instalação); *Unidade de Coincidência + Fio Condutor* (2013) (16mm + diapositivos, 5', instalação); *Observatório* (2012) (HDV - 14' - vídeo - instalação); *Gradações de Tempo sobre um Plano* (2010-2013) (super 8 + 16mm + HDV - 30' - instalação).

Filmografia: *A Trama e o Círculo*, 2014 (HD, 34'30").

www.marianacalo-franciscoqueimadela.blogspot.com

Nuno Ramalho nasceu em Portugal, em 1975. Vive e trabalha no Porto. Licenciou-se em Escultura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, tem um mestrado em New Genres, pelo San Francisco Art Institute, e em 2011 iniciou um doutoramento em Arte no Goldsmiths College, em Londres. Desde 1999 que desenvolve o seu trabalho no campo das artes visuais, individualmente e em colaboração com outros artistas, nas áreas do desenho, instalação, escultura, performance, som, vídeo e práticas de curadoria. Realizou treze exposições individuais e participou em mais de sessenta exposições coletivas em Portugal, no Brasil, Espanha, Estados Unidos da América, Noruega, Reino Unido e Rússia.

A sua obra está representada em coleções públicas, tais como a do CAV-Centro de Artes Visuais ou a da Fundação de Serralves, bem como em diversas coleções particulares.

Em 2002, foi artista residente na Triangle France, em Marselha, e, em 2004, foi um dos nomeados para o prémio EDP Novos Artistas.

Entre 2006 e 2008, recebeu a bolsa Fulbright Commission/FCC e também a Louise Woods Memorial Scholarship. Foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian, entre 2011 e 2015.

<http://nuno-ramalho.blogspot.pt/>

Pedro Wirz nasceu em 1981, em São Paulo. Vive e trabalha no Porto. É formado em Belas Artes pela FHNW HGK Institute of Arts, em Basileia, na Suíça. Estudou um ano na Staatliche Akademie der Künste Bildenden Stuttgart, na Alemanha. O seu trabalho foi apresentado internacionalmente em vários locais: David Dale Gallery, Glasgow (2016); Kai Matsumiya Gallery, Nova Iorque (2016); Tinguely Museum, Basileia (2016); CCS Bard Hessel Museum of Art, Annandale-on-Hudson (2015); Künstlerhaus Stuttgart, Stuttgart (2013), Dortmunder Kunstverein, Dortmund (2013); Palais de Tokyo, Paris (2013); Galeria Mendes Wood DM, Brasil (2013); Centro Cultural São Paulo, São Paulo (2013); Post Studio Tales, Berlim (2012); Kunsthalle Basel, Basileia (2011); entre outros. No momento, está a preparar duas exposições individuais: uma, na galeria Murias Centeno, no Porto, e a outra, no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo. Foi residente no Swiss Institute, em Roma (2015/2016), na Residency Unlimited (2014), em Nova Iorque, e na Cité Internationale des Arts, em Paris (2012). Atualmente codirige com Raphael Linsi o espaço para exposições PANORAMA BOA VISTA, no Porto.

<http://www.pedrowirz.com/>

Ricardo Basbaum (São Paulo, 1961) vive e trabalha no Rio de Janeiro. É artista e escritor, participando regularmente — desde 1981 — em exposições e projetos. Algumas exposições individuais, e recentes, são: *the production of the artist as collective-conversation* (Audain Gallery, Vancouver); *nbp-etc: escolher linhas de repetição* (Galeria Laura Alvim, Rio de Janeiro); *Diagramas* (Centro Galego de Arte Contemporânea, Santiago de Compostela, 2013) e *re-projecting (london)* (The Showroom, Londres, 2013). Participou na documenta 12 (2007), na 20.^a Bienal de Sydney (2016), na 30.^a e na 25.^a Bienal de São Paulo (2012, 2002) e de The School of Kiev (2015), entre outros eventos. Em 2015, desenvolveu um projeto para *It Might be Possible that the World Itself is Without Meaning* - Performances, actions, and interventions in urban space* (Stadtkuratorin, Hamburgo). Foi curador de *Mistura + Confronto* (Central Eléctrica do Freixo, Porto, 2001) e cocurador de *Panorama da Arte Brasileira* (MAM-SP, 2001), *On Difference #2* (Kunstverein Stuttgart, 2006) e *pogovarjanja/conversations/conversas* (Skuc Gallery, Ljubljana, 2006). Coeditor da revista *Item* (1995-2003) e codiretor da agência Agora (1999-2003, Rio de Janeiro). A sua produção de diagramas está reunida no livro *Diagrams, 1994 – ongoing* (Errant Bodies Press, 2016). É autor de *Manual do artista-etc* (Azougue, 2013), *Ouvido de corpo, ouvido de grupo* (Universidade Nacional de Córdoba, 2010) e *Além da pureza visual* (Zouk, 2007). Trabalhou como professor no Instituto de Artes da Universidade

do Estado do Rio de Janeiro, de 1998 a 2016. Foi professor visitante da Universidade de Chicago, entre outubro e dezembro de 2013. Foi artista residente da Audain Gallery (Vancouver) em outubro de 2014. Desde 2017, é professor e pesquisador no Departamento de Artes da Universidade Federal Fluminense.

Schirin Kretschmann nasceu em Karlsruhe (Alemanha), em 1980.

É uma artista e investigadora que vive e trabalha em Berlim. As suas instalações *site-specific* propõem experiências físicas de ordem elementar. Uma materialidade fugaz, que muitas vezes parece improvisada, desdobra-se num jogo de perceções sinestésicas de vários níveis, as quais acabam em grande parte suprimidas por atos virtuais de compensação no mundo digitalizado de hoje.

Os seus trabalhos foram já exibidos em diversos sítios, de entre os quais se destacam: Kunstverein Braunschweig (2016); CAC-Centro de Arte Contemporânea, Quito (2016); Magazin4 Bregenzer Kunstverein (2016); Kunstverein Salzburg (2015); Wilhelm Mack Museum Ludwigshafen (2014); Kunstmuseum Stuttgart (2014); Städtische Galerie Nordhorn (2013); Bündner Kunstmuseum Chur (2012), bem como em vários espaços públicos.

Como investigadora e curadora, trabalhou em projetos interdisciplinares, destacando-se o *Präparat Bergsturz*, na Universidade de Ciências Aplicadas de Berna, ou ainda *six memos for the next*, na Magazin4 Bregenzer Kunstverein. Recebeu vários prémios, bolsas da Kunststiftung Baden-Württemberg e da Stiftung Kunstfonds, e estadas de trabalho na Cité Internationale des Arts de Paris, na Platform Garanti Art Center, em Instambul, e no Braunschweig Project.

<http://www.schirinkretschmann.de>

Sónia Neves nasceu em Evander, África do Sul, em 1978. Vive e trabalha no Porto. É doutorada com Menção Internacional pela Faculdade de Bellas Artes da Universidade de Vigo e investigadora no CITAR. É professora na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa. Foi bolseira da FCT (BD) e investigadora em residência na Academy of Fine Arts Helsinki. Colabora com Arlindo Silva num projeto de parceria desde 2003. Trabalhou na Galeria Presença como assistente de produção. Licenciou-se em Artes Plásticas/Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, em 2001, e no mesmo ano foi bolseira do programa Erasmus realizado na Accademia di Belle Arti di Bologna. Desde 1999 que tem vindo a participar em exposições, das quais se podem selecionar: *Lugares de Viagem. Múltiplas Perspectivas*

e não menos Contradições e Sonhos, Bienal da Maia 2015-Momento II (2015); *Apesar de tudo, ainda se fodia*, Maus Hábitos, Porto (2014); *Está a morrer e não quer saber*, Espaço Campanhã, Porto (2009); *Falso Fim, Sónia+Arlindo*, Galeria Reflexus Arte Contemporânea, Porto (2008); *Não contes a ninguém, Sónia+Arlindo*, PêssegoPráSemana, Porto (2004); *Falar das coisas como elas são*, Salão Olímpico, Porto (2003); *North by Northwest*, Caldeira 213, Porto (2001).

Camaleónica

André Sousa
Diana Carvalho
Mafalda Santos
Mariana Caló
& Francisco Queimadela
Nuno Ramalho
Pedro Wirz
Ricardo Basbaum
Schirin Kretschmann
Sónia Neves

Curadoria

Miguel Leal

Produção

Círculo de Artes Plásticas de Coimbra
Universidade de Coimbra –
19.ª Semana Cultural da UC

Produção Executiva

Círculo de Artes Plásticas de Coimbra
Pedro Sá Valentim

Assistência à Produção

Jorge das Neves
Ivone Cláudia Antunes
Karen Bruder

Desenhos Série Selva Camaleónica

(págs.5 a 8, Capa e Contracapa)
Miguel Leal

Revisão de Texto

Carina Correia

Secretariado

Ivone Cláudia Antunes

Montagem

Jorge das Neves

Imagem e Som

Jorge das Neves

Arquivo e Biblioteca

Cláudia Paiva

Projeto Educativo

Jorge das Neves
Pedro Sá Valentim
Valdemar Santos

Design Gráfico

Joana Monteiro

Tipografia

Outsiders, desenhada em 2010
por Henrik Kubel, a2-type.

Impressão

Noozle

Direção

Carlos Antunes
Désirée Pedro
Valdemar Santos
António Melo
Ana Felino

Assembleia Geral

Armando Azevedo
Joana Monteiro
Ivone Cláudia Antunes

Conselho Artístico

António Olaio
Jorge das Neves

Direção de Arte

João Bicker

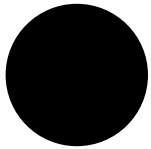
Apoios Institucionais



Esta exposição foi coproduzida no âmbito da 19.^a Semana Cultural da Universidade de Coimbra

Agradecimentos

André Rangel, Anne-Kathrin Siegel,
Anna Kottmeier, Clementina Santos
e Manuel Mesquita



Círculo de
Artes Plásticas
de Coimbra

